

O gênero GIF comic: um estudo à luz da referenciação

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3654>

Jaciluz Dias¹
Helena Maria Ferreira²

Resumo

Este artigo objetiva analisar os mecanismos de referenciação em um exemplar do gênero GIF comic, assim denominado por ter características de gêneros como as tirinhas (*comics*, em inglês), incorporando outros gêneros próprios do meio digital, como o GIF. Para a análise, utilizam-se, como referencial teórico-metodológico, os pressupostos da Linguística Textual com uma abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional de referenciação, imprescindível para a compreensão do texto, em relação aos seus modos de organização e de funcionamento. Dessa forma, a análise empreendida segue o posicionamento teórico de que os objetos do discurso são dinâmicos, pois, ao serem introduzidos, eles podem ser modificados, desativados ou ativados no processo de produção de sentidos. O artigo termina buscando demonstrar a importância de se ampliar a análise dos processos referenciais, bem como a relevância desse estudo para a formação docente.

Palavras-chave: gênero GIF comic; Linguística Textual; referenciação.

1 Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; jaciluz.fonseca@ufla.br; <https://orcid.org/0000-0002-0699-921X>

2 Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; helenaferreira@ufla.br; <https://orcid.org/0000-0002-8749-5426>

The GIF comic genre: a study in the light of referentiation

Abstract

This article aims to analyze the mechanisms of reference in an example of the GIF comic genre, so called for incorporating characteristics of genres such as comics, while integrating other genres specific to the digital medium, such as GIF. For the analysis, the theoretical-methodological framework is based on the principles of Textual Linguistics, adopting a sociocognitive-discursive and interactional approach to referentiation, essential for understanding the modes of organization and functioning of the text. In this way, the analysis follows the theoretical stance that discourse objects are dynamic, as they can be modified, deactivated, or activated during the process of meaning-making. The article concludes by demonstrating the importance of expanding the analysis of referential processes, as well as the relevance of this study for teacher education.

Keywords: GIF comic genre; Text Linguistics; reference.

Considerações iniciais

Já viu um pato participando de uma corrida? E mais: ganhando uma medalha? O cartunista Franchesco (2022) não apenas viu, como criou uma história em quadrinhos para contextualizar um vídeo de um pato intrépido, que ele chamou de Manoel. Trata-se de um texto publicado em redes sociais, que reúne quadrinhos, como os das tirinhas ou histórias em quadrinhos, e vídeos em *loop*, ou seja, que se repetem, como os GIF, e, por isso, chamado, por Castro, Melo, Dias e Silva (2021), de GIF comic. O objetivo deste trabalho é analisar um exemplar de GIF comic, buscando demonstrar como os processos de referenciação são fundamentais para que essa composição verbo-visual seja entendida como um texto.

Para atingir esse objetivo, organizamos este artigo começando com a contextualização do gênero GIF comic, nesta seção inicial, explicando os motivos para o concebêmos como um gênero textual/discursivo. Em seguida, apresentamos o referencial teórico em que nos baseamos: a Linguística Textual, com recorte da abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional de referenciação, conforme pressupostos de autores como Koch, Morato e Bentes (2017), Cavalcante (2022) e Ramos (2012). Na seção seguinte, buscamos aplicar a teoria à análise do GIF comic *Cê é um pato, Manoel* (Franchesco, 2022), demonstrando como os processos de referenciação se configuram como estratégia discursiva e contribuem para que haja coesão entre os elementos verbais e visuais que compõem o texto. E, encerrando, nas considerações finais, explicamos a importância de se estudar gêneros emergentes e próprios da esfera digital, como o GIF comic, a fim de alargar as possibilidades de análise dos processos referenciais, tendo em vista a multiplicidade de recursos semióticos da atualidade, o que favorece novos contornos explicativos.

Conforme descrito por Castro, Melo, Dias e Silva (2021), a combinação das características dos GIF e das histórias em quadrinhos (HQ) motivou a nomeação desse gênero. O GIF (Graphics Interchange Format ou formato para intercâmbio de gráficos) é um tipo de imagem com baixa resolução, criada para o fácil compartilhamento de informações em ambientes virtuais. A principal característica do GIF é reunir poucos quadros, com imagens estáticas ou vídeos, animados em *loop* (ação repetitiva). Já o termo “comic” vem da forma como histórias em quadrinhos e tirinhas (HQ menores) são denominadas em inglês. Como “GIF” é uma sigla em inglês, os autores supramencionados optaram por utilizar “comic”. Além disso, esse termo em inglês funciona como um guarda-chuva para nomear narrativas em quadrinhos, de tamanhos variados.

O GIF comic pode ser identificado como um gênero textual/discursivo, considerando pressupostos de autores como Marcuschi (2010) e Bakhtin (2016). Para os estudos bakhtinianos, os gêneros são tipos relativamente estáveis, em número infinito, já que se originam das variadas formas de atividade humana. Como essas sofrem influência das novas formas de comunicação, cada vez mais digitais, esse processo potencializa o surgimento de novos gêneros, como o analisado neste artigo. Nesse sentido, Marcuschi (2010) defende que não é das tecnologias digitais em si que decorrem os gêneros e, sim, da intensidade de seus usos pelos seres humanos.

Bakhtin (2016) explica, ainda, que novos gêneros se baseiam em gêneros preexistentes e incorporam as características de outros, como no caso do GIF comic, uma combinação das HQ com os GIF. Indo ao encontro dessa tese, Marcuschi (2010) recorda que a identificação do gênero considera não apenas seus aspectos formais, mas também seus propósitos comunicativos e sociocomunicativos. Logo, os gêneros são textos materializados que possuem características sociocomunicativas definidas, incluindo conteúdo, propriedades funcionais e de estilo.

Dessa forma, a designação do gênero GIF comic se baseia em critérios como estrutura, propósito comunicativo, conteúdo e meio de divulgação. E, considerando que a compreensão e o uso de gêneros são essenciais para a comunicação humana, tendo um impacto nas relações sociais e na capacidade de se compreender a realidade, o estudo do GIF comic se justifica pela necessidade de se compreenderem os novos gêneros que surgem pelo uso das tecnologias digitais.

A análise de um exemplar do gênero GIF comic tendo em vista os pressupostos da Linguística Textual (Koch; Morato; Bentes, 2017) baseia-se em uma abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional de referência (Cavalcante, 2022; Cavalcante; Brito *et al.*, 2022), uma vez que os estudos sobre processos referenciais estão entre os tópicos de maior destaque dentro dessa área.

Os referentes desempenham diferentes funções em um texto, como organizar as informações, garantir a continuidade e a progressão do tópico discursivo (o tema central do texto) e atuar como uma estratégia argumentativa. Por isso, a referenciação torna-se essencial para a compreensão e para a construção coesa e coerente de qualquer texto, inclusive os que utilizam linguagem imagética, como é o caso do GIF comic, gênero do qual escolhemos um exemplar como *corpus* desta pesquisa.

A compreensão textual por meio da referenciação

Assumida como uma área de vocação interdisciplinar (Bentes, 2021), a Linguística Textual (LT) estuda a organização, a estrutura e o funcionamento dos textos. Com pesquisas que se consolidaram a partir das décadas de 1950-1960, sobretudo na Alemanha, a LT passou por diferentes fases. Dessa forma, a investigação da palavra ou frase de modo isolado deu lugar à análise textual, tomando o texto como unidade básica de manifestação da linguagem, conforme explica Koch (2015). Assim, o sentido do texto decorre da interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores), não existindo sem essa relação (Koch, 2003). Logo, para a análise do texto, é imprescindível a compreensão do contexto sociocomunicativo, dos sujeitos interlocutores, do conteúdo temático e dos usos sociais da linguagem.

Para compreender o texto, os interlocutores se baseiam em processos de referenciação, a qual é concebida, por Koch e Marcuschi (1998), como uma atividade discursiva e não uma mera função de “etiquetar” os objetos do mundo. Conforme explicam esses autores, os sentidos do texto não são dados *a priori*, mas por meio de escolhas realizadas com base em conhecimentos prévios e intencionalidades discursivas, a partir de como o enunciador pretende construir o seu projeto de dizer.

Os estudos sobre referenciação foram pensados e tomam, tradicionalmente, como referência analítica, textos compostos pela modalidade verbal. No entanto, atualmente, considerando a difusão das tecnologias digitais, o que já havia sido sinalizado por Marcuschi (2008) e Koch (2015), os processos de referenciação também têm sido utilizados para analisar as relações de sentido estabelecidas por textos compostos por diferentes semioses.

É o caso de Cavalcante, Brito *et al.* (2022), por exemplo, que defendem, em suas pesquisas, o surgimento, a manutenção e a modificação dos referentes como processos decorrentes de pistas, não apenas verbais, mas também imagéticas, gestuais, sonoras, entre outras, as quais estão relacionadas a saberes e contextos os mais variados. Na mesma linha, estão autores como Ramos (2012), que pesquisa a referenciação em histórias em quadrinhos, e Silva (2013), que analisa processos referenciais em notas jornalísticas, charges e tirinhas.

A compreensão do fenômeno da referenciação demanda, em primeiro lugar, a apreensão dos conceitos subjacentes, nomeadamente: o referente e as expressões referenciais. O referente, denominado de objeto de discurso por Mondada e Dubois (2022), é um elemento presente no texto normalmente percebido a partir do uso de expressões referenciais (Cavalcante, 2022). Essas expressões, por sua vez, são os componentes linguísticos que apontam e possibilitam a identificação do referente, o que ocorre, segundo Cavalcante (2022), porque o processo de referenciação cria referentes (ou objetos do discurso) que são identificados por meio de formas linguísticas específicas, as expressões referenciais.

Fundamental para compreender o texto, o processo de referenciação contribui para que a organização textual tenha coesão e coerência e para a construção do projeto de dizer, uma vez que as escolhas realizadas pelos autores para se referirem às entidades (pessoas, objetos, lugares, situações etc.) indiciam posicionamentos e axiologias. Esse procedimento desdobra-se em razão das múltiplas funções desempenhadas pelos referentes no interior de um texto, que incluem a organização das informações, a manutenção da continuidade e a progressão do tópico discursivo (o tema central do texto) e a participação na orientação argumentativa do discurso, revelando que a produção textual não é desprovida de posicionamentos.

Nesse contexto, conforme Bentes e Rezende (2017) postulam, a referenciação se configura como uma atividade intrinsecamente sociocultural, moldada pelas respostas às práticas referenciais de outros participantes e intrinsecamente vinculada às exigências dos contextos sociais nos quais emerge. Nesse sentido, ecoando a perspectiva de Cavalcante, Brito *et al.* (2022, p. 270), argumentamos que “a referenciação é possivelmente o critério mais central e fecundo da linguística textual, por estar relacionada com outros critérios analíticos do texto”. Portanto, a abordagem dos referentes no contexto do texto somente é viável no decorrer da interação efetiva, no qual se desdobra a dinâmica comunicativa, uma vez que, nesse momento, os participantes, enquanto agentes sociais, planejam sua comunicação e consideram como podem se dirigir ao outro, levando em conta os valores sociais e as crenças do contexto no qual se encontram.

A abordagem adotada por Cavalcante (2022), em relação à referenciação, se alinha com as tendências dos estudos linguísticos que destacam a dimensão da interação social. Nesse contexto, para a autora, a referenciação apresenta três características distintas. Ela é vista como: uma construção da realidade, um processo de negociação entre os interlocutores e um empreendimento sociocognitivo:

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, *sociocognitivamente motivadas*, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de *elaborar as experiências vividas e percebidas*, a partir da *construção compartilhada* dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s) (Cavalcante, 2022, p. 113, grifo da autora).

A referenciação representa uma construção interpretativa da realidade, pois a maneira como se constroem os referentes na linguagem não visa simplesmente expressar uma realidade pronta e estática, mas, sim, elaborar, por meio da linguagem, uma interpretação dos eventos vivenciados. Dado que as experiências no mundo real não são imutáveis ou fixas, a linguagem está em constante reelaboração para conferir sentido aos eventos, levando em consideração o contexto textual. É por essa razão que dois textos, por exemplo, mesmo pertencendo ao mesmo gênero e abordando o mesmo tópico discursivo, podem oferecer perspectivas completamente diferentes. E, para isso, eles fazem uso de diferentes referentes, recategorizando os objetos do discurso conforme a perspectiva adotada.

De acordo com Cavalcante (2022), a atividade de referenciação é uma negociação entre os interlocutores, pois a interpretação da realidade resulta de um acordo social entre os participantes, sendo, portanto, um processo subjetivo e colaborativo. Esse ato de negociação é, além disso, intersubjetivo, denotando uma subjetividade compartilhada, visto que a compreensão de uma situação comunicativa não ocorre de forma isolada, mas depende da percepção que cada interlocutor tem da ação do outro.

Por esse motivo, ao produzir um texto, por exemplo, o escritor parte da premissa de antecipar quem são os possíveis leitores, contando com a cooperação provável desses leitores na compreensão dos referentes construídos. Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), na produção e compreensão de textos, os interlocutores estão constantemente envolvidos em uma interação ativa, em que negociam os significados que estão sendo construídos. Esse processo é dinâmico, pois permite ajustes à medida que as ações se desdobram. A negociação ocorre porque qualquer ato de interpretação demanda ações por parte do leitor, que também age como enunciador.

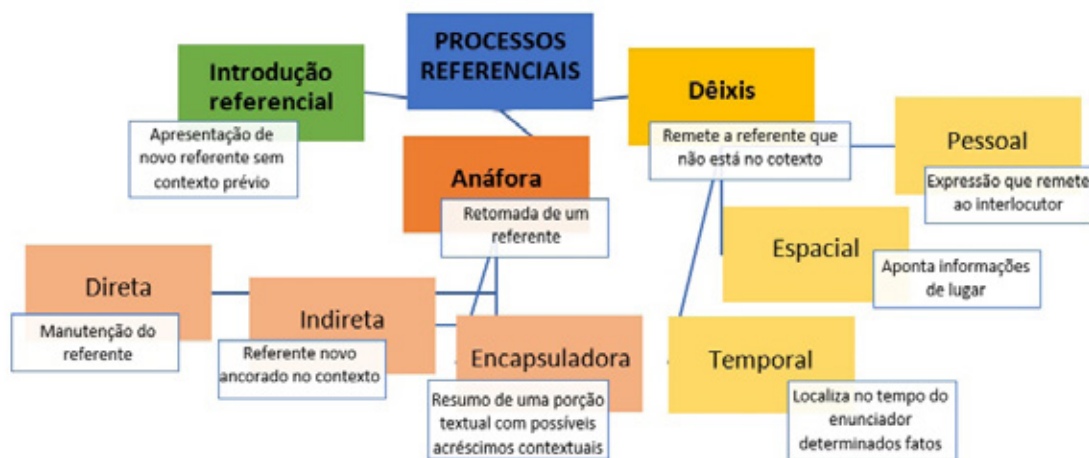
Assim, a leitura de um texto requer um trabalho sociocognitivo que inclui a atividade de referenciação. Como em um *iceberg*, segundo Cavalcante (2022), o texto tem uma superfície (o cotexto), compreendido pelo leitor a partir do encadeamento das palavras, frases e parágrafos. Mas, para além disso, há o aspecto profundo do texto, que precisa de esforço para ser compreendido, ou seja, depende da capacidade que o leitor tem de processar o texto, a fim de compreender os referentes utilizados por ele, tanto dentro do próprio texto quanto em relação a elementos externos.

A leitura do "*iceberg*" depende, então, da associação entre processos mentais, ou seja, de conhecimentos armazenados pelo leitor e de sua capacidade de realizar o processamento do texto, e aspectos sociais, que reúnem as experiências e vivências em sociedade (Cavalcante, 2022). É por isso que Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) defendem que a característica sociocognitiva da referência contribui para a dinâmica do processo de compreensão do texto.

Logo, é crucial abordar essa dinamicidade de maneira educacional, levando esse tema para sala de aula, de modo a incentivar os estudantes a criar e analisar textos com ênfase nas operações cognitivas envolvidas. Ao reconhecerem que qualquer texto é, por natureza, incompleto, os alunos podem utilizar essa percepção a seu favor, aplicando estratégias que permitam a dedução de informações implícitas. Isso implica a implementação de práticas pedagógicas que valorizem os conhecimentos prévios como parte integrante do uso da linguagem. Dessa forma, a referenciação se revela como uma atividade de cunho sociocultural, tanto influenciando quanto sendo influenciada pelas práticas de referência de outros agentes, estando, portanto, intrinsecamente ligada às exigências dos contextos sociais nos quais se manifesta.

As características da referenciação são estabelecidas considerando as formas como as expressões referenciais se organizam em um texto, o que pode ser feito por meio de três processos, basicamente: introdução referencial, anáfora e dêixis, conforme apresentado na Figura 1 e descrito a seguir. Parte do esquema (introdução referencial e anáforas) é apresentado pela própria autora (Cavalcante, 2022, p. 127). Então, com o objetivo de complementar o quadro, deixando a sistematização completa, para fins didáticos, optamos por incluir, também, a dêixis no esquema representativo.

Figura 1. Resumo sobre os processos referenciais



Fonte: Cavalcante (2022)

A introdução referencial ocorre quando um objeto desconhecido é apresentado no texto sem estar inicialmente “ancorado” a outro elemento discursivo. Essa introdução pode se dar de duas maneiras: com ou sem relação com algum elemento do contexto imediato (a superfície textual criada pelos elementos linguísticos do texto). Quando não há relação com outro referente do texto, ocorre uma introdução referencial direta. Contudo, se há algum tipo de conexão, ou seja, um elemento prévio ao qual o referente está relacionado, ocorre uma anáfora indireta.

De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 56),

Outra forma de introduzir referentes se dá ainda pela utilização de informações visuais. Em textos verbo-visuais, não nos parece adequado afirmar, categoricamente, que um referente é introduzido primeiro pela imagem e que só depois é retomado por uma expressão referencial. Não se pode assegurar como cada sujeito acessa um dado referente em textos multimodais.

No caso em pauta, às vezes, o leitor pode realizar inferências a partir do título do texto, por exemplo. Nesse sentido, devemos levar em conta que o coenunciador pode se valer de vários indícios para construir os sentidos e representar uma entidade no texto/discurso.

O segundo processo de referenciação é chamado de anafórico, o qual ocorre quando um elemento do texto é retomado utilizando novas expressões referenciais. Essa retomada pode ocorrer de maneira direta, indireta ou encapsulada. Quando uma nova expressão referencial faz referência a um referente já apresentado no texto, ocorre uma anáfora direta ou correferencial, que pode ser realizada por meio de pronomes, novas frases nominais ou repetição de um termo lexical ou pronominal. Em contrapartida, uma anáfora indireta ocorre quando um referente novo é expresso como se já fosse conhecido do leitor, por ter sido inferido a partir do processamento sociocognitivo do texto (Cavalcante, 2022). Além disso, uma expressão referencial pode se referir não a um referente específico, mas a um conteúdo textual mais amplo, resumindo-o, constituindo assim uma anáfora encapsuladora. Os pronomes demonstrativos “isso” e “isto” são frequentemente utilizados para estabelecer esse tipo de processo anafórico. No entanto, de acordo com Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 66), “nem o referente nem a sua âncora precisam ser necessariamente expressos por meio de mecanismos linguísticos”.

Esses mecanismos podem ser visuais. Em concordância com esse ponto de vista, Brito e Bezerra (2021) destacam que o processamento de um texto que combina elementos verbais e visuais pode variar entre os interlocutores. Dado que o texto é uma entidade complexa e multifacetada, existem diversos caminhos que podem ser seguidos para a construção de significados, resultando em múltiplas interpretações possíveis. Nesse contexto, o processo referencial é caracterizado como uma recategorização sem a presença explícita de uma expressão referencial. Isso implica que tanto o referente quanto a sua recategorização não são mencionados diretamente no texto, mas podem ser inferidos com base em modelos cognitivos evocados pelas pistas fornecidas pelo próprio texto.

A dêixis, por sua vez, é outro processo que pode ser utilizado tanto para introduzir quanto para retomar referentes, como nos dois processos anteriores. A distinção reside no fato de que a entidade referida por uma expressão dêitica só pode ser identificada caso se saiba quem está proferindo a expressão dêitica e o local ou momento em que o enunciador

se encontra. Portanto, expressões referenciais como “você”, “ela”, “lá”, “ontem”, entre outras, dependem do contexto para serem compreendidas, incluindo a identificação de elementos como o locutor, o destinatário, o local e o tempo da enunciação.

Nesse contexto, existem três tipos possíveis de dêixis: a pessoal, a espacial e a temporal. Enquanto a dêixis pessoal é a forma utilizada por um sujeito para se referir aos interlocutores (“nós”, “vós/vocês”, “eles/elas”), a dêixis espacial refere-se a informações de lugares, sendo que o ponto de referência é o local em que a enunciação ocorre (“aqui perto”, “acolá”, etc.). Por conseguinte, a dêixis temporal localiza um evento em relação ao tempo do enunciador, tendo como ponto de referência o “agora” da enunciação. Essa relação pode ser indicada por advérbios de tempo ou pelas flexões verbais (“amanhã de manhã”, “acordarei”, etc.).

Castro (2017) observa que o fenômeno da dêixis também é aplicável a textos multimodais, pois certas interpretações só podem ser realizadas com base em aspectos imagéticos ou sonoros, por exemplo. Esses elementos estabelecem a conexão entre as estruturas contextuais e o evento enunciativo em questão. Já Silva (2008) destaca que os elementos referenciais dêiticos possuem duas características distintas: tanto servem como indicadores de ostensão (indicam os limites do objeto referido no tempo e no espaço, com base na posição do falante no momento da comunicação), quanto expressam uma dimensão de subjetividade, que se manifesta por meio da relação entre os participantes da comunicação e a situação enunciativa.

Considerando esse contexto, defendemos que os textos multimodais permitem a exploração dessas duas dimensões supracitadas, em consonância com Souza e Colares (2019, p. 19), para quem

[...] a teoria da multimodalidade pode ser uma importante ferramenta de apoio para o ensino de mecanismos referenciais dêiticos, pois a utilização de recursos imagéticos colabora para a compreensão da função ostensiva desses elementos, como podemos constatar o sucesso do uso desses recursos multimodais auxiliando o ensino de elementos referenciais dêiticos, pois como esses elementos referenciais se localizam espacial, temporal e discursivamente, o uso de imagens e estratégias multimodais pode colaborar para a compreensão de seu uso e, consequentemente, para o ensino desses elementos.

Ainda no que diz respeito à referenciação em textos multissemióticos, Custódio Filho (2011) considera que as imagens de um texto podem desempenhar as mesmas funções que são atribuídas normalmente às expressões referenciais. Por isso, a linguagem visual, para esse autor, com o qual concordamos, também é responsável pela instauração de um referente, bem como por eventuais recategorizações desse referente.

Complementando o exposto, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58) consideram que

[...] ao introduzirmos um referente no texto/discurso, devemos contar com o fato de o coenunciador se valer simultaneamente de muitos indícios (mesmo aqueles nem cogitados pelo enunciador) para representar essa entidade em sua mente. Tais indícios podem envolver, assim, outras modalidades de linguagem, que não apenas a verbal. Desse modo, uma imagem, os sons, os gestos, os *links*, qualquer pista contextual colabora tanto para a introdução referencial quanto as anáforas (Cavalcante; Custódio Filho; Britto, 2014, p. 58).

Com embasamento no referencial teórico apresentado, passamos à análise de um exemplar do gênero GIF comic, buscando demonstrar como os processos referenciais podem ser compreendidos também a partir de imagens.

O GIF comic *Cé é um pato, Manoel*³

O texto analisado neste trabalho foi publicado em 13 de maio de 2022, na conta da rede social Instagram @frachecu, que pertence ao ilustrador e *design* gráfico brasileiro Franchesco. Com quase 7 mil curtidas até a data de elaboração deste artigo, a postagem se inicia com três quadinhos (Figura 2), como em uma tirinha, que apresentam um diálogo entre dois patos, recurso que funciona como uma contextualização para um pequeno vídeo, que vem logo em seguida, no quarto quadro. No diálogo, uma personagem, que pode ser identificada como uma pata, conversa com o pato Manoel, explicando que ele é da roça e não deve nem tentar (nesse momento, ainda não se sabe o quê). Manoel, por sua vez, insiste e diz que vai conseguir.

Figura 2. Quadros iniciais do *GIF comic*



Fonte: Franchesco (2022)

³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CdgD80hO9LN/?img_index=1. Acesso em: 4 set. 2023.

O quarto quadro é um vídeo, com duração de aproximadamente 25 segundos, que mostra imagens de um pato participando de uma corrida, que ele conclui, recebendo uma medalha e posando para fotos. Dessa cena, foram retirados três *frames*, que compõem a Figura 3. Se a cena não for adiantada, por meio das setas que ficam nas duas laterais, no meio do quadro, o vídeo se repete em *loop* infinito, como um GIF.

Figura 3. *Frames* do vídeo do GIF comic



Fonte: Franchesco (2022)

Mas há, ainda, dois quadros finais (o quinto e o sexto, na Figura 4), após o vídeo, que retomam o mesmo estilo gráfico dos quadros iniciais. O quinto quadro apresenta o pato Manoel dizendo que conseguiu, tendo, a sua frente, uma placa com os dizeres “MANOEL, PATO CAPEÃO”. Já o sexto quadro contém a frase “EU NÃO SOU O QUE ME ACONTECE / EU SOU O QUE ESCOLHO ME TORNAR. CARL JUNG”, sobreposta à imagem do quadrinho anterior, que aparece levemente desfocada, ao fundo.

Figura 4. Quadros finais do GIF comic



Fonte: Franchesco (2022)

Considerando os pressupostos teóricos apresentados na seção anterior, buscamos, neste ponto da pesquisa, demonstrar como as categorias de referência propostas por Cavalcante (2022) se organizam para atribuir sentido ao texto. É possível notar, nesse GIF Comic, variadas formas de referência e, em vez de o encadeamento de

sentidos ser feito somente com palavras, como nos textos estritamente verbais, eles são realizados associando as imagens (estáticas e em movimento) às palavras. Isso se inicia pela apresentação dos personagens: a Figura 2 pode ser considerada um exemplo de introdução referencial, uma vez que o objeto discursivo, o personagem principal, Manoel, até então desconhecido, é apresentado na narrativa sem que ele esteja ancorado em outro referente, caso o leitor focalize, primeiramente, a imagem.

Caso o leitor acesse primeiramente o texto escrito, podemos considerar que quem faz a introdução é a pata (identificada assim considerando o referencial imagético dos cílios), ao dizer: “NÃO. NEM TENTA. CÊ É UM PATO MANOEL. UM PATO DA ROÇA”, sendo a primeira ocorrência a introdução referencial e a segunda, uma retomada, por meio da repetição do item lexical “pato”. Caso o leitor tome a imagem do pato como o primeiro contato com o referente, as palavras “pato” (em “cê é um **pato** Manoel” e em “um **pato** da roça”) serão considerados como anáforas, uma vez que retomam o referente visual. A palavra “pato” e a imagem de dois seres brancos, com duas asas, um bico e duas patas cada, como uma representação caricatural da “ave palmípede da família dos anatídeos⁴”, são os referentes que podem introduzir os personagens. No entanto, na dimensão visual, há várias semioses implicadas que contribuem para o processo de produção de sentidos e identificação dos personagens: a cor, a postura, o formato.

Outra ocorrência referencial que aparece é o uso do nome “Manoel”, que identifica o protagonista e pode ser visto como uma forma pejorativa de se referir a outra pessoa: “Mané”⁵. Mas também pode ser uma forma de falar identificada como de variedade linguística popular, associada a pessoas de baixa escolaridade, que vivem no ambiente rural. Essa interpretação decorre da relação que se pode estabelecer entre as palavras: “Manoel”; o diminutivo do pronome de tratamento “você” (aqui utilizado como pronome pessoal de segunda pessoa do singular, como no uso cotidiano da língua, e de modo abreviado: “cê”); e “[cê é] um pato da roça”, esta última palavra uma forma de se referir a ambientes rurais, em oposição ao ambiente urbano.

Já o diálogo do segundo quadrinho (Pata: “ISSO NÃO É COISA PRA OCÊ” / Pato: “MAS QUERO MUITO” / Pata: “VAI ACABAR VIRANO JANTA NO MEIO DAQUELE POVO”) apresenta variadas formas de referenciação, que tanto retomam o quadrinho anterior quanto introduzem o vídeo do quadro seguinte. A começar pelo uso do pronome demonstrativo “isso”, que faz uma referência implícita, ainda não identificada (à corrida, do quarto quadrinho), mas articulada com o quadro anterior, uma vez que a fala é uma continuação do sermão que a pata passa no pato. Há, também, um nome genérico: “coisa” (nome genérico), que antecipa, mas não permite saber o que virá a seguir, ao mesmo tempo em que cria expectativa para introduzir esse objeto discursivo (a corrida).

4 Definição disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pato>. Acesso em: 4 set. 2023.

5 [Informal, depreciativo] Que ou o que revela pouca inteligência, que é ingênuo ou fácil de ser enganado. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/man%C3%A9>. Acesso em: 4 set. 2023.

Ainda no que se refere ao uso da variedade regional da língua portuguesa, nesse segundo quadrinho, destaca-se o uso de “muitio”, que pode ser visto como uma forma de falar que ocorre na região do Nordeste brasileiro. Apesar de divergir da variedade regional mineira utilizada nos outros quadros, o uso é justificável, se for considerado o contexto coloquial escolhido pelo autor do GIF comic. No quadro 2, tem-se, ainda, um exemplo de anáfora indireta, em “daquele povo”, uma vez que há uma referência a um grupo de pessoas que são apresentadas como se já fossem conhecidas que, por isso, é também do tipo catafórica, já que antecipa uma informação que ainda não apareceu no texto.

O terceiro quadrinho apresenta o que corresponde à complicação da narrativa: o pato Manoel decide: “POIS EU NUM QUERO SABER. EU VOU. E VOU CONSEGUIR ESSE TREM”. Há, na última frase, outro nome genérico: “trem”, um termo regional informal, costumeiramente utilizada no estado de Minas Gerais para se referir a qualquer objeto. Essa palavra, que também funciona como uma referência catafórica, está na mesma esfera discursiva de “roça” e “cê” do primeiro quadrinho; “ocê” e “virano”, no segundo quadrinho; e “num”, do terceiro quadrinho, correspondendo ao uso regional típico do falar coloquial mineiro rural.

No quarto quadrinho tem-se o clímax da narrativa: a corrida realizada pelo pato Manoel, objeto discursivo referido anteriormente, que agora é desvelado. No vídeo (que se recomenda assistir, uma vez que os *frames* da Figura 3 não conseguem expressar o movimento, característica precípua desse gênero), há um pato, calçando uma espécie de botinha de borracha vermelha (supomos que para proteger-lhe as patas, já que ele anda no asfalto, sob o sol). O vídeo começa com o pato surgindo depois de um grupo de corredores (o que se pode perceber pelas identificações numéricas em suas camisas e pelo movimento que realizam), acompanhado de uma mulher, que também usa um calçado vermelho e carrega uma placa com um número (332).

Em seguida, a cena muda para o pato parecendo que vai levantar voo, para cruzar a linha de chegada, e bebendo o que parece ser um isotônico. Logo após, uma medalha é colocada no pescoço do pato, por um homem, o qual levanta a medalha para mostrar a quem filma a cena. E, finalmente, o pato aparece diante de um mural, onde se pode ler “LONG ISLAND MARATHON WEEKEND” (“Fim de semana da maratona de Long Island”, em tradução nossa).

Ele tem, diante de si, a identificação que estava na mochila da mulher, uma placa com a logomarca do evento, o número “332” e a *hashtag* “iRUNthisISLAND” (“Eu corro nessa ilha”, em tradução nossa, sendo “ilha” uma menção a “Long Island”, localizada no sudeste do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos). Além dos vários referentes indiretos que remetem ao objeto de discurso “corrida” ou “maratona”, como: pessoas correndo, identificações numéricas, isotônico, medalha, placa com a identificação do evento, logomarca do evento, há a referência direta, por meio da palavra “MARATHON”.

Destacamos, ainda, o uso do dêitico “eu”, na legenda que se sobrepõe ao vídeo: “Eu não consigo superar esse pato terminando uma corrida e ganhando uma medalha”. Esse pronome pessoal pode se referir tanto ao produtor do texto, quanto à moça do vídeo que acompanha o pato ou, ainda, ao leitor, que se identifica com o sentido da frase. De toda forma, há que se analisarem as várias retextualizações propostas para o vídeo. Possivelmente, trata-se de uma gravação feita no momento da maratona, por alguém que considerou inusitada a situação de ver um pato participando de uma corrida esportiva. Mas pode ter sido, também, uma gravação feita por tutores do pato, a fim de registrar o momento. Esse vídeo, compartilhado na internet, chamou a atenção das pessoas, a ponto de Franchesco criar uma história em quadrinhos que cria um contexto: uma introdução e um desfecho para o vídeo. No entanto, há que questionar, ainda, se a frase que legenda o vídeo foi colocada pelo autor do GIF Comic ou por quem compartilhou o vídeo, antes de este ser utilizado pelo ilustrador.

Outro referente da legenda é “esse pato”, que remete ao “pato da roça” do primeiro quadrinho, mas que, apesar da mudança de referente (de um pato caricatural para um pato real), garante a manutenção do sentido do texto, já que o leitor consegue identificar que o enunciador teve como objetivo demonstrar que se trata do mesmo pato. Já “uma corrida” também desempenha a função de introduzir um referente, que agora é identificado e antes só havia sido apresentado como “coisa” e “trem”. “Uma medalha” também faz uma introdução referencial à vitória que, no quinto quadrinho, é retomada imageticamente pela placa onde se lê “MANOEL, PATO CAPEÃO”.

A manutenção da legenda em todo o vídeo, conforme pode ser visto na repetição do enunciado nos três *frames* que compõem a Figura 3, também merece destaque, uma vez que serve para reforçar o ponto de vista do enunciador. E, por fim, no final do vídeo, o pato diante do mural e com a identificação numérica constitui uma referência externa, já que remete às fotos tradicionais tiradas em eventos esportivos. Referência externa é, também, a frase de Jung que compõem o último quadrinho, em um movimento de intertextualidade que funciona como uma moral, como nas fábulas. Ao utilizar uma citação, pode-se depreender que o autor quis estabelecer uma associação entre o sentido do GIF Comic e o sentido da frase do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961).

Assim, a frase pode ser vista como um resumo para a história, ao mesmo tempo em que está ligada ao quadrinho anterior, em que o personagem afirma: “CONSEGUI. A ROÇA VENCEU, FAMÍLIA”. O termo “roça” retoma, do primeiro quadrinho, a expressão “pato da roça”, mas agora de modo ressignificado, já que o ambiente rural, antes visto de modo pejorativo, agora é personificado, já que desempenha a ação de vencer. Já a palavra “família”, utilizada como um vocativo, torna-se a destinatária da mensagem de Manoel, como se, a ela, ele dedicasse a vitória. Isso leva à inferência de que a pata do primeiro quadrinho pertence à família de Manoel, podendo ser uma mãe, uma irmã ou uma esposa.

Não se pode deixar de notar o desenho de um coração vermelho acompanhando a palavra “consegui”, o que pode ser visto como uma menção a amor, carinho, afeto, já que o coração, representado dessa forma, é culturalmente associado a esses sentimentos.

Ampliando, ainda um pouco mais, a análise, enfocamos a grafia de “CAPEÃO”, que pode ser vista como um desvio da norma culta, já que se esperava o emprego de “CAMPEÃO”. Mas, considerando o contexto do GIF comic, questionamos se não seria esse um jogo de palavras proposto por Franchesco, fazendo uma associação entre “CAPEÃO” e o adjetivo “capiau”: “que ou aquele que mora no campo e é considerado simples, rústico e de pouca instrução⁶”. Isso porque todo o texto remete à esfera discursiva da roça e esse “erro” gramatical poderia ser visto como uma provocação a se ver o pato Manoel passando de “capiau” a “campeão”.

Outro ponto que julgamos relevante mencionar é a sobreposição entre a imagem do pato Manoel apresentada na tirinha e a do pato mostrado no GIF, processo anafórico que pode ser visto como uma recategorização. Conforme explica Cavalcante (2022), quando um referente é recategorizado, ocorre uma mudança em sua concepção, o que influencia a compreensão do interlocutor. Para a autora, não se trata apenas de uma modificação no modo de se referir ao objeto de discurso ou renomeá-lo, mas um direcionamento argumentativo que demonstra a intencionalidade proposta pelo enunciador. Nesse caso, a ilustração proposta por Franchesco (2022) é uma interpretação fictícia que o cartunista faz do pato “maratonista” apresentado no vídeo feito de uma situação real.

Conforme buscamos evidenciar, mediante a apresentação dos exemplos ilustrativos de utilização de expressões referenciais, é viável alcançar uma compreensão de um texto, independentemente das diversas formas semióticas que o compõem, por meio dos processos de referenciação que ele emprega. Ressaltamos, ainda, que, no que se refere ao contexto da análise do GIF comic que compõe o *corpus* desta pesquisa, existem outras perspectivas de interpretação e mais exemplos de referenciação que poderiam ser explorados. No entanto, em virtude das limitações de espaço, a intenção foi fornecer possíveis abordagens demonstrativas e incentivar novas pesquisas sobre o tema e, especialmente, sobre o gênero.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar os mecanismos de referenciação em um exemplar do gênero GIF comic, considerando o referencial da Linguística Textual (Koch; Morato; Bentes, 2017), com recorte na abordagem sociocognitivo-discursiva e interacional de referenciação (Cavalcante, 2022; Cavalcante, Brito *et al.*, 2022). Como procuramos demonstrar, a referenciação é uma das questões mais relevantes e mais profícuas da

⁶ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/capiau>. Acesso em: 4 set. 2023.

Linguística Textual, pois, além de uma estreita relação com outros critérios analíticos, esse fenômeno é abordado na perspectiva da interação efetiva.

Esse processo acontece porque os referentes assumem funções diversas em um texto, como: organizar as informações, bem como manter a continuidade e a progressão do tópico discursivo (o assunto central do texto) e atuar como estratégia argumentativa. A referenciação torna-se, dessa forma, imprescindível para a compreensão do texto, para a estruturação coesa e coerente deste. No âmbito da análise dos processos referenciais, este trabalho analisou os modos de organização dos processos referenciais em um exemplar do GIF comic.

Assim, pudemos verificar que o *corpus* se apresenta como um gênero emergente e, comumente difundido nas redes sociais, cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Os efeitos de sentido provocados pela junção entre as diferentes linguagens (verbal, visual etc.) levaram, então, à consideração de que o GIF comic é um gênero cujo estudo precisa ser aprofundado. Desse modo, analisar a referenciação no gênero selecionado possibilitou não somente realizar um estudo acerca das especificidades desse tipo de produção, mas também, alargar as possibilidades de análise dos processos referenciais, tendo em vista a multiplicidade de recursos semióticos, o que favorece novos contornos explicativos.

A compreensão dos mecanismos de organização textual, que desempenham um papel crucial no estabelecimento da coerência, está intrinsecamente ligada à compreensão das estratégias de referenciação. Esta competência revela-se fundamental no contexto educacional, tendo em vista que os professores de língua materna devem adquirir esse conhecimento para identificar como ele pode ser aplicado no processo de ensino-aprendizagem (Cavalcante, 2022). Portanto, essa premissa justifica a relevância deste artigo, pois ele se propôs a explorar os processos de referenciação que podem ser utilizados em sala de aula, constituindo, assim, um recurso valioso para a formação dos professores.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística I: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Linguística Textual e Sociolinguística. In: SOUZA, E.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez Editora, 2017. v. 1, p. 75-96.

BRITO, I. G.; BEZERRA, L. M. D. Uma abordagem sobre a recategorização referencial: trabalhando a construção de sentidos em texto multimodal. *Verbum*, Cadernos de Pós-Graduação, v. 10, n. 3, p. 260-277, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/55735>. Acesso em: 4 set. 2023.

CASTRO, L. G. F. de. *O meme digital: construção de objetos de discurso em textos multimodais*. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8197/2/LORENA_GOMES_FREITAS_CASTRO.pdf. Acesso em: 4 set. 2023.

CASTRO, K. de; MELO, G.; DIAS, J.; SILVA, M. C. da. Boneco de posto em GIF comic: fronteiras borradas de gênero e análise a partir da GDV. In: BARROSO, R. S.; FOFANO, C. S.; SILVA, S. M.; LUQUETTI, E. C. F. (org.). *Letramentos múltiplos, multimodalidades e multiletramentos: os usos da linguagem na era digital* (Vol. 2), Tutóia: Editora Diálogos, 2021. Disponível em: <https://editoradialogos.com/ebooks/letramentos-multiplos-multimodalidades-e-multiletamentos-os-usos-da-linguagem-na-era-digital-vol-2/>. Acesso em: 4 set. 2023.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26452/1/2010_art_mmcavalcante.pdf. Acesso em: 4 set. 2023.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FRANCESCO. *Cê é um pato, Manoel* [S. l.]: 13 maio 22. Instagram: @frachecu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdgD80hO9LN/>. Acesso em: 4 set. 2023.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 14, n. esp., p. 169-190, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300012>. Acesso em: 12 set. 2024.

KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MONDADA, L.; DUBOIS, D.. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 17-52.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. *Linguagem em (Dis)Curso*, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 743-763, dez. 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1221/1022. Acesso em: 4 set. 2023.

SILVA, A. C. *O processo de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3615>. Acesso em: 4 set. 2023.

SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 127 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8247>. Acesso em: 4 set. 2023.

SOUSA, M. M. F.; COLARES, A. C. S. L. A relação dos dêiticos pronominais e da multimodalidade nos livros didáticos do Ensino Médio. *Revista Ribanceira: Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará, Belém*, v. 19, p. 4-20, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/3285>. Acesso em: 11 set. 2024.